

## Alguns dos vocabulários mais usados em psicanálise

### O ideal de ego

*Por Eliane G. Ferreira Nogueira\**

Desde Charles Perrault (século XVII), que mudou o modo rude e catártico de contar estórias, como meio de suportar o severo cotidiano da época, as estórias infantis passaram a trazer um processo fantasioso e idealizado do que as pessoas desejam para si. Os contos de fadas, disfarces bem elaborados de conflitos humanos com tentativa de elaboração (necessidade de ter um final feliz), conseguiram dar um rumo mais ameno ao desgastado destino da maioria das pessoas em sua ânsia de ser algo que nunca seriam. A chegada dos contos de fadas garantiria minutos de sonho e fantasia de um personagem com o qual podiam se identificar, sem ser pecado nem heresia moral. Estava criada a idealização. Não a adoração e submissão a algo, mas a condição de se permitir sonhar com algo que o personagem da estória conseguiria/conquistaria no lugar de quem a ouvia.

Com o avanço civilizatório, muito rapidamente a idealização tomou o lugar da expectativa real, porque Cinderela foi saindo das histórias para inventar seu príncipe de verdade, Robin Hood viveu em muitos lugares, Rapunzel se revoltou e desceu da torre. O que teve de Pinóquio virando um menino incrível, encontrando seu pai de verdade.... Enfim, começou a ser possível buscar um ideal real. Quando Freud, em 1914, anuncia o termo “ideal de ego”, muita água já tinha rolado na correnteza dessa sensação de buscar algo que nos impulse a ser grande, de ir atrás daquilo que popularmente dizemos “o que vou ser quando crescer”. Tanto é assim que o próprio Freud vai colocar o termo junto ao conceito de narcisismo.

Da perfeição narcísica da infância ao baque das descobertas edípicas e ao início civilizatório da escola, a criança vivencia o outro e o mundo como aliados e inimigos na mesma proporção. Estes movimentos, quando conciliados na área de ilusão e desilusão necessárias, é chamado de identificação. Sem possibilidade real de enfrentar as dificuldades do mundo, a criança chama para si um herói para lhe defender e com quem ela quer parecer. Essa idealização fica patente até que ela própria tenha condições mínimas de agir como age aquele a quem ela imita e se identificará posterior e definitivamente.

A recusa do mundo de atender todas as nossas expectativas vai criando uma defesa de postergar para sobreviver e ajudando a entender que o que foi perdido na infância não será recuperado mas voltará modificado. O ideal de ego, portanto, é

um parceiro indispensável quando a criança começa a enfrentar as adversidades e terá que buscar dentro de si recursos, já que lá fora não encontrará gratuitamente alívio para suas fantasias narcísicas. Esta batalha de obter satisfação vai tomando forma no jeito como a criança observa e incorpora o que tem à sua volta para que não se frustrasse demais e siga adiante.

Temos aí uma das tarefas mais difíceis dos pais: como ensinar a seu filho a ser o melhor que consiga, frustrando seu narcisismo, que é a base de sua autoestima. Atualmente, está muito complicada esta tarefa, já que o mundo evoluiu muito e temos enormes facilidades e comodidades que não tínhamos antes. O tempo de frustração está encurtando e a ambição surge para o próximo desejo e não para o conjunto de possibilidades adiante, mas que deverá esperar. Essa palavra... "espera". Difícil a palavra, imagina conjugar o verbo! Não se espera mais, se age logo porque os recursos para obter rápida satisfação estão muito disponíveis e difundidos. E se não for real, temos até a possibilidade de ser virtual. Se isso é bom ou ruim ainda não sabemos, mas já é uma ideia corrente que estamos diante de uma mudança estrutural do psiquismo: o ideal de ego já não é mais o mesmo....

\* Eliane G. Ferreira Nogueira é psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.